

WMM

WMM

WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM

WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM

WMM

RESENHA
A arte queer do fracasso

Mário Jorge de Paiva

WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM WMM

A arte queer do fracasso

Book review: *A arte queer do fracasso* by Jack Halberstam

Resenã del libro: *A arte queer do fracasso*

Mário Jorge de Paiva¹

O livro *A arte queer do fracasso* de Jack Halberstam se divide em uma introdução e mais seis capítulos, além do prefácio de Denilson Lopes. De um modo geral, é um ensaio interessante sobre diferentes temas do mundo *queer*, mas nem sempre unidos com muita coesão. O autor passeia de forma livre por assuntos que vão desde animações infantis até a estética fascista. Em termos teóricos, não seria o melhor livro para adentrar ou entender a teoria *queer*, afinal há textos mais introdutórios e didáticos, porém acreditamos que é uma obra que deve ser lida. Vale acompanhar o aporte teórico que está sendo usado, porque vários livros citados ainda não possuem tradução em português e se mostram de relevância, mesmo para futuras investigações nossas. A força de Halberstam, como a força de um Slavoj Žižek (2023), está em suas perspectivas críticas, rebeldes, mesmo quando não concordamos ou achamos que certas conexões não são boas.

Lopes (2020, p. 13) abre a obra falando que Halberstam é um dos autores mais peculiares e influentes da teoria *queer*, dos estudos trans e do debate sobre cultura e arte nos Estados Unidos, sendo esse seu primeiro livro traduzido para o português. É um livro que ao se fiar no conceito de *baixa cultura* problematiza os limites e hierarquias entre cultura popular, erudita e de massas (Lopes, 2020, p. 15). Escolher falar de fracasso na cultura do *self-made man* é a opção de falar pelas margens, porque o *self-made man* é um retrato do sucesso, riqueza, esforço próprio etc.

Na introdução, chamada *Baixa teoria*, o autor se pergunta: o que surge depois da esperan-

¹ Doutor e mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio, professor estadual da rede pública de São Paulo.

E-mail: mariojpaiva91@gmail.com

ça? Qual a opção que não é resignação cínica ou otimismo ingênuo? O livro explora alternativas, fugindo dos binarismos e suas *armadilhas*. Quer discutir com utopistas radicais que procuram diferentes caminhos, contrários ao sujeito liberal e consumidor. O livro procura algo que não é hegemônico. É uma análise que pode usar o contraintuitivo, sabe que alternativas podem estar em espaços sombrios e lúgubres, de crítica e recusa (Halberstam, 2020, p. 19-20).

Fala que sucesso em uma sociedade heteronormativa e capitalista equipara-se, facilmente, com formas específicas de maturidade reprodutiva e acúmulo de riquezas, todavia essas medidas de sucesso passaram por sérias pressões, com o colapso do mercado financeiro e o grande aumento da taxa de divórcios. Formas de fracassar, perder, esquecer, desconstruir podem oferecer modos mais criativos, cooperativos e surpreendentes de ser no mundo. O fracasso como algo que carrega um extraordinário caos da juventude. Mesmo acompanhado de emoções negativas, ele pode, de forma contundente, furar certa *positividade tóxica* da vida contemporânea (Halberstam, 2020, p. 21).

Nada há aqui da ideologia de que o sucesso surge só do trabalho duro e o fracasso é sempre culpa sua, nada de que temos que sorrir durante uma quimioterapia ou durante uma bancarrota, enfim, nada de aceitar iniquidades grotescas da vida cotidiana (Halberstam, 2020, p. 22-23). Em outros termos, o autor pode aceitar algum tipo de otimismo, mas não o otimismo do pensamento positivo da ideologia padrão.

Quer dialogar com áreas da cultura, mesmo dentro da academia, possuidoras de elementos latentes, os mundos intelectuais gerados por perdedores, fracassados, desistentes, *refuseniks*, que funcionam como plataformas de lançamento de alternativas, sobretudo quando a universidade não consegue fazer isso (Halberstam, 2020, p. 27). Na universidade há saberes disciplinares etc., o autor quer um passeio fora disso, quer evitar os caminhos habituais do pensamento, quer ir pelo pensamento peculiar e original.

Passa por uma crítica aos intelectuais profissionais e por um elogio ao acadêmico subversivo, uma comunidade de pensadores isolados que recusam e renegam o *rigor*, a *excelência* e a *produtividade*. Porque nosso mundo social não é inevitável, várias outras realidades e saberes foram descartados no caminho. Há de se lançar mão dos saberes que surgem como *ervas* intrusivas no *jardim*, se deve *roubar* da universidade e abusar de sua *hospitalidade*, estar dentro, mas não ser dela (Halberstam, 2020, p. 33).

Baixa teoria surge como um possível nome de uma forma contra-hegemônica de teoria, apontando mapas de caminhos políticos que não foram tomados. Se fiando o autor na baixa teoria e nos *contrasaberes*, algo que dialoga com Onfray (2008).

O capítulo 1, *Revolta animada e animação rebelde*, aponta como animações falam muito sobre fracasso. Nem todos os filmes infantis falam sobre revolta e fracasso, porém o autor aponta como há esse universo de temáticas, muitos desses com elementos de fugas dramáticas e sonhos utópicos de liberdade. Um crítico mais cínico pode pensar nisso como tópicos de um rito de passagem normativo no ciclo da vida humana, mas Halberstam (2020, p. 57) quer uma leitura radical, apontando para o utopismo e um mundo de mudanças, que talvez crianças ainda acreditem e achem desejáveis. É *queer* olhar para essas obras e reconhecer, nesses elementos, algo para não ser rejeitado, não ser visto como meramente infantilizado.

Fala também de nossa relação com os *pets* enquanto objetos de amor, algo que, igualmente, deve ser considerado diante de um quadro de mudanças drásticas da sociedade e do modelo familiar. O que leva para uma discussão sobre como certos filmes tentam humanizar os animais, como em *A marcha dos pinguins*, um documentário de 2006, dirigido por Luc Jacquet. Aponta Halberstam (2020, p. 67) que a ideia de *amor romântico entre pinguins* se revela, para alguns, o elemento de antropomorfismo mais irritante do filme. Fundamentalistas americanos abraçaram essa obra, mas esquecem que os pinguins são monogâmicos por apenas um ano e rapidamente

largam tais crias.²

Seguindo Joan Roughgarden, fala de fenômenos que não são reprodutivos e não são heterossexuais, que caracterizam uma parte grande da vida animal, logo há diversidade evolutiva. Não nos cabe aqui desenvolver todo o argumento, entretanto o que está sendo apontado é como há uma mentalidade tacanha de *apelo ao natural*, uma óbvia falácia, de olhar para essa natureza e achar que se os animais fazem, assim sendo natural, esse também seria nosso padrão. Mesmo entre os pinguins, Halberstam (2020, p. 71) aponta, os não reprodutores, *homo*, são totalmente necessários.

O autor fala de uma série de produções infantis que apontam para diferentes tipos de estranhamentos, aqui está se falando de um antropomorfismo criativo, *vide* em *A fuga das galinhas*, de 2000 e dirigido por Nick Park e Peter Lord, ou *Os sem floresta*, de 2006 e dirigido por Tim Johnson.

O capítulo 2, *Cara, cadê meu falo? Esquecer, perder, andar em círculos*, abre abordando como a estupidez é diferentemente lida de acordo com o ator social em questão. O ex-presidente Bush, filho, surge como ilustração da fórmula *homem estúpido*, que significa se apresentar como do povo, logo perspicácia intelectual pode surgir como excesso de educação, elitismo, contrário ao *cara humilde*, o divertido companheiro de churrasco. Bush seria o simpático bufão monoglota que não tenta *confundir* o povo, de baixa escolaridade, com fatos, estatísticas etc. (Halberstam, 2020, p. 89). Essa discussão dos homens estúpidos na política soa alarmantemente relevante, se tivermos em conta também toda essa questão de Donald Trump, como uma versão ainda pior de Bush. Em que, acrescentemos, o caso brasileiro também está cheio de *bufões*, se pensarmos nos resultados do bolsonarismo e em toda sua rede de mídia digital, em uma estética ridícula, ufanista e mentirosa.

O filme *Cara, cadê meu carro?* de 2000 e dirigido por Danny Leiner, aponta, entre outras

² Vale citar aqui como uma obra complementar, para ampliar tal discussão, o texto *Quando as espécies se encontram* de Donna Haraway (2022), porque Haraway discute também essa humanização dos *pets*, a relação de amizade, abandono, morte etc.

coisas, como há uma força no esquecimento e mesmo como o elemento do homem branco estúpido pode ser algo que encanta, por uma inocência que desarma. Mas, como vimos, essa estupidez pode também ser uma forma de reforçar o dominante, com Bolsonaro, Trump, Olavo de Carvalho etc.

O poder de esquecer em sua lógica mais positiva, enfim, aparece como uma ruptura com o presente e com o passado *legítimo* (Halberstam, 2020, p. 108). Ora, impossível não lembrar aqui, mais uma vez, do próprio Slavoj Žižek, ele diz que diante das *mudanças climáticas, do controle digital, das crises de refugiados, efeitos do triunfo do capitalismo global, há uma necessidade de se repensar o sistema, e o passado está aberto para reinterpretções retroativas, até para mudar o futuro* (Žižek, 2023, p. 7-10). Aqui estamos mostrando pontos de concordância entre essas rebeldias, porém nunca podemos esquecer, igualmente, de que para Žižek o caminho, mesmo sem grandes esperanças de concretização, é o comunismo (heterodoxo), em uma crítica aos posicionamentos identitários, que para um marxista podem aparecer como contradições secundárias.

O capítulo 3, A arte queer do fracasso, lembra como o fracasso está associado ao capitalismo, em um sistema que pode igualar sucesso e lucro. Há, assim, uma história oculta do pessimismo. O autor fala do fracasso no punk, logo há uma conexão entre fracasso e resistência, um não aceitar os elementos e regras do dominante; para complexificar a leitura do autor, sugerimos ler também Tamsin Spargo, com sua obra Foucault e a teoria queer.³

Jack fala de um abraçar do queer em relação ao que é da negatividade, é um queer que não é progressista ou otimista (Halberstam, 2020, p. 145). O fracasso no *queer* como uma força estética, sombria, que não é humanista, é antissocial. Em uma lógica mais polêmica, o autor lembra o *Scum manifesto* e como Solanas atirou em Andy Warhol. Parecendo concordar com o ato de violência:

Ainda que possamos ficar horrorizados com a violência anárquica do ato dela, devemos também reconhecer que esse tipo de violência é exatamente ao que estamos recorrendo e

³ Spargo (2017).

o que sugerimos quando teorizamos e invocamos a negatividade.

[...] Se quisermos fazer a virada antissocial na teoria queer, devemos estar dispostos a [...] falhar, bagunçar, foder, ser exagerada, rebelde e mal humorada, gerar ressentimento, rebater, falar o que se pensa, perturbar, assassinar, chocar e aniquilar (Halberstam, 2020, p. 159-161).

Aqui nossa crítica é similar ao que criticamos em Mario Mieli (2023),⁴ por ter teorias não tão claras e dúbias, em certas partes, há uma possível legitimação de ações políticas, obviamente, contestáveis. Como Halberstam vai justificar alguém atirar em Andy Warhol? Nos pontos mais nevrálgicos, falta de total clareza, brevidade, assim como ocorria em Mieli (2023).

O capítulo 4, *Feminismos marginais: negatividade queer e passividade radical*, aborda como elemento um tipo de feminismo voltado ao masoquismo, autodestruição, quebra de laços de memórias etc. Havendo até uma crítica ao intelectual que constrói uma noção de *alteridade* para poder *salvá-la*, mais uma vez paralelos com *Žižek poderiam surgir*.

Ao dialogar mais com apresentações artísticas, cinema, literatura, vide a obra de Jamaica Kincaid ou certas produções de Yoko Ono, o autor parece propor mais analogias do que um programa político positivo. Vale repetir, certas partes do livro parecem vagas ou apenas teóricas.

O capítulo 5, *O assassino em mim é o assassino em você: homossexualidade e fascismo*, em nossa leitura é o melhor momento do livro. É quando o autor para de discutir Bob Esponja e certos filmes de comédia, sem graça, e abraça uma discussão mais delicada, a possibilidade de uma soma entre estética, política fascista e a homossexualidade. Em outros termos, uma história da comunidade queer envolve não só uma positividade, mas desenterrar abjeções e feiuras. Atos sexuais não podem garantir posição política alguma, progressista ou conservadora, logo não é para se conectar obrigatoriamente uma vida gay com radicalidade política (Halberstam, 2020, p. 204). O que outros autores anteriores também falavam, como o próprio, já citado, Mario Mieli (2023).

⁴ Cf. Mário Paiva (2024a).

É um capítulo que aborda uma possível conexão entre homossexualidade, fascismo e modernismo, até levando em conta grupos masculinistas homossexuais, que podem ter ênfase nacionalista e conservadora. O autor fala de certas figuras de movimentos da direita radical que eram *gays*, Pim Fortuyn ou Jörg Haider. O preconceito étnico pode até surgir de uma caracterização dos grupos de imigrantes como homofóbicos etc. Como já abordamos antes (Paiva, 2021, 2024b), grupos de direita radical são variados. Há sim possíveis diálogos, como aponta Halberstam (2020, p. 219), entre populistas de direita e defensores dos direitos *gays*.

Citando o pintor Attila Richard Lukacs e a curadora Collier Schorr, o autor fala de fusões entre imagens fascistas e o homoerotismo. Citando, por exemplo, uma imagem de Schorr chamada *Night Porter (Matthias)*. Em suma, o que o autor tenta apresentar é menos uma identidade, mas mais uma combinação mutável de relações entre política, *Eros* e poder. Temos de estar preparados para os abalos provocados pelas conexões politicamente problemáticas, que mesmo podem dar munção para pessoas de direita criticarem os homossexuais, os progressistas etc.

O capítulo 6, *Fracasso animado: terminar, fugir, sobreviver*, fecha o livro. Nele há mais discussões sobre como podemos ler, de formas menos conservadoras, animações infantis, assim como há uma discussão aberta com o próprio Žižek.

Termina o livro falando sobre como viver é fracassar, não saber, decepcionar, e, ao fim, morrer. Em vez de procurar evitar decepções, o livro é sobre a arte *queer* de fracassar, aceitando o finito, o absurdo, o bobo, o pateta irremediável. Em um regozijar os fins, limites, fracassos fantásticos.

A obra é bem interessante, abordando diferentes assuntos de modo pouco analítico. Usamos esse espaço de resenha mais como um *convite* ao livro do que uma forma de esgotar todos os seus temas e caminhos. Mesmo sendo uma discussão sobre fracasso, esperamos não ter fracassado totalmente nessa resenha, e que suas possíveis falhas sejam aceitáveis...

Referências bibliográficas

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LOPES, Denilson. Prefácio: a força do fracasso. In: HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

MIELI, Mario. *Por um comunismo transexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PAIVA, Mário Jorge de. *Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.*

PAIVA, Mário Jorge de. *Marx nunca foi radical o suficiente, a revolução será viada e louca ou não será! Ou resenha do livro Por um comunismo transexual de Mario Mieli. Gênero, v. 24, n. 1, p. 304-310, 2024a.*

PAIVA, Mário Jorge de. "Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+: análise introdutória do artigo Mentiras gays." *REBEH, Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. v. 7, n. 22, p. 1-23, 2024b.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. São Paulo: Autêntica, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *Uma esquerda que ousa dizer seu nome*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.